


## A juvenilização na educação de jovens e adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG

**Regina Magna Bonifacio Araújo**  
**Rosa Maria da Exaltação Coutrim**

**Regina Magna Bonifacio Araújo**

Universidade Federal de Ouro Preto,  
UFOP.


E-mail: regina.magna@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7289-5876>

**Rosa Maria da Exaltação Coutrim**

Universidade Federal de Ouro Preto,  
UFOP.

E-mail: rosacoutrim@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9510-1263>

### Resumo

O artigo aborda os resultados parciais da pesquisa intitulada *A juvenilização da Educação de Jovens e Adultos: compreendendo o fenômeno e buscando alternativas para a educação nesta modalidade de ensino*. Os jovens alunos e alunas da EJA são sujeitos com trajetórias escolares distintas daqueles que cursam o que identificamos como “ensino regular” pois, em muitos casos, possuem histórias de vida marcadas por rupturas, reprovações, discriminação, indisciplina e evasão da sala de aula. Com esta pesquisa empírica, nos propusemos responder à seguinte questão: quem é o jovem com menos de 18 anos que frequenta os cursos de EJA na Região dos Inconfidentes, em Minas Gerais? Para responder a pergunta, traçamos, como principal objetivo, conhecer qual o perfil do estudante jovem da EJA nas escolas públicas dos municípios da Região dos Inconfidentes. Os dados revelam jovens e adultos que buscam a EJA independentemente do gênero, pois, dos 1.106 questionários aplicados, 588 são mulheres e 518 são homens. Destes, 592 possuem menos de 25 anos. Dos jovens com menos de 18 anos, 82,3% moram com os pais e apenas 27,1% não trabalham. Trata-se de um perfil de estudante muito diferente do adulto trabalhador que frequenta as salas de aula da EJA e que necessita de políticas públicas específicas para atender às suas demandas.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Juvenilização; Trajetórias escolares.

Recebido em: 27/10/2019

Aprovado em: 28/09/2021



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e68231>

**Abstract****The juvenilisation of youth and adult education: profile of the young students of Região dos Inconfidentes-MG**

The article deals with partial results of the research entitled *The juvenilisation of Youth and Adult Education: understanding the phenomenon and seeking alternatives to education in this type of education*. Young students of EJA are subject to different school trajectories of those who attend so-called "regular education" because, in many cases, are marked by disruptions, failures, discrimination, discipline and avoidance of the classroom. With this empirical research, we set out to answer the following question: who is the young person under 18 who attends the adult education courses in the region? To answer this question, we draw the main objective know that the profile of the young student of EJA in schools in the municipalities of the *Região dos Inconfidentes*. The data shows young adults seek regardless of gender EJA, the 1.106 questionnaire applied, 588 are women and 518 are men. Of these 592 have less than 25 years. Of young people under 18 years, 82.3% live with their parents and only 27.1% do not work. It is a very different student profile of the adult worker who attends the EJA rooms and who needs specific public policies to meet the demands of this public.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Juvenilisation; Trajectories school.

**Resumen****Juventud en educación juvenil y adulta: el perfil de estudiantes y jóvenes en la Región dos Inconfidentes-MG**

El artículo aborda los resultados parciales de la investigación titulada *La juvenilización de la Educación de Jóvenes y Adultos: comprender el fenómeno y buscar alternativas para la educación en este tipo de educación*. Los jóvenes estudiantes de EJA son sujetos con diferentes trayectorias escolares que aquellos que asisten a lo que identificamos como "educación regular" porque, en muchos casos, son historias de vida marcadas por interrupciones, desaprobación, discriminación, indisciplina y deserción. Con esta investigación empírica nos propusimos responder la siguiente pregunta: ¿Quién es el joven menor de 18 años que asiste a los cursos de EJA en la región? Para responder a esta pregunta, tenemos como objetivo principal saber cuál es el perfil del joven estudiante de EJA en las escuelas públicas de los municipios de la Región dos Inconfidentes. Los datos revelan a jóvenes y adultos que buscan EJA independiente del género, de los 1.106 cuestionarios aplicados, 588 son mujeres y 518 son hombres. De estos 592 tienen menos de 25 años. De los jóvenes menores de 18 años, el 82.3% vive con sus padres y solo el 27.1% no trabaja. Este es un perfil de estudiante que es muy diferente del trabajador adulto que va a las aulas de EJA y necesita políticas públicas específicas para satisfacer las demandas de este público.

**Palabras clave:** Educación de jóvenes y adultos; Juventud; Trayectorias escolares.

## Introdução

A sala de aula da EJA é um espaço de relações intergeracionais, de diálogo entre saberes, de compreensão e de reconhecimento da experiência e da sabedoria, contudo, em muitos momentos, essas relações são tensionadas pelas distinções entre as culturas e os comportamentos de jovens, adultos e idosos. A forma de expressão de cada estudante se diferencia, o que exige das instituições e dos professores estratégias específicas para acolher a discussão de juventudes, do tempo de vida adulta e de velhices. Hoje, é importante reconhecer que as diferentes fases do curso da vida devem ser tratadas no plural, considerando a grande diversidade dos meios sociais, históricos, culturais e econômicos nos quais os indivíduos estão inseridos. Assim, por exemplo, vivenciar a infância, a juventude, a fase adulta ou a velhice na zona rural, com poucos recursos econômicos, é bem diferente da experiência, urbana com recursos sociais e econômicos abundantes.

De acordo com informações do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL/MEC, 2020), a taxa de analfabetismo entre brasileiros com 15 anos ou mais está estimada em 6,6%, o que corresponde a 11 milhões de pessoas analfabetas. Isso significa um avanço, visto que ocorreu uma diminuição de 0,2% do número total de analfabetos em relação ao ano de 2018. No entanto, o índice ainda é considerado elevado, principalmente quando comparadas as taxas de analfabetismo nas diferentes regiões do Brasil. As regiões Nordeste e Norte apresentam 13,9% e 7,6% de sua população formada por pessoas analfabetas, respectivamente, enquanto a região Centro-Oeste possui 4,9%, e as regiões Sudeste e Sul trazem, ambas, 3,3% (IBGE, 2020).

A população idosa de 60 anos ou mais cresceu aceleradamente nos últimos anos e hoje representa 15,7% dos brasileiros, com cerca de 32,9 milhões identificados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PnadC Educação), realizada em 2019 (IBGE, 2020), percentual superior ao de crianças com até nove anos de idade, que é de 12,8%. Esses são números tendem a crescer considerando a expectativa de vida atual, que é de 76,6 anos. Em decorrência dessas constatações, o país, hoje, começa a compreender a importância de se preocupar com a qualidade de vida e com os direitos dos brasileiros com mais de 60 anos, haja vista a aprovação do Estatuto do Idoso, em 2003, dentre inúmeros movimentos e ações de promoção de qualidade de vida para a pessoa idosa. Ainda, de acordo com o IBGE (2020), em 2019, a existência de idosos de 60 anos ou mais que não se escolarizaram, ou nem se alfabetizaram, responde por grande parte do contingente não alfabetizado (18%), ou seja, cerca de 6 milhões, enquanto os não alfabetizados entre 15 a 24 anos correspondem a 6,6% e, entre 25 e 40 anos, há 7,9% de pessoas não alfabetizadas. A concepção do aprender ao longo da vida exige repensar políticas que valorizem os saberes da experiência daqueles que, não mais vinculados ao trabalho, podem continuar contribuindo para a produção cultural, material e imaterial do país com dignidade e autonomia, por meio da mudança da tendência histórica de relegá-los ao

ócio e a atividades pouco criativas, que pouco contribuem para a emancipação, o exercício da cidadania e a transmissão da herança cultural para gerações futuras.

Por outro lado, o Brasil ainda é um país jovem, com 42,3% de pessoas abaixo de 30 anos, sendo que os grupos de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos de idade correspondem, respectivamente, a 10,8% e 7,3% da população residente (IBGE, 2020). Grupos jovens têm questões próprias, ligadas às formas de ser e de estar no mundo, de expressar suas juventudes, sua cultura, seus desejos e sonhos. Têm formas de ser constituídas, também, na luta cotidiana no mundo do trabalho e da sobrevivência, na exposição às vulnerabilidades sociais de violência, vítimas de altos índices de homicídio – situações que contribuem para afastá-los da possibilidade de acesso e permanência na escola e de torná-los sujeitos de processos de formação e de humanização (NUNES, PÁDUA; ARAÚJO, 2021). O reconhecimento da maciça presença na EJA de grupos etários integrantes da categoria histórica jovem – de juventudes – nos processos educacionais foi denominado, por Brunnel (2001), de juvenilização da Educação Jovens de Adultos.

Ainda hoje nos deparamos, no Brasil, com jovens (cada vez mais jovens) excluídos da sala de aula formal, no entanto, são escassos os trabalhos que se propõem a mergulhar na existência desses sujeitos (SPÓSITO, 2010; HADDAD; DI PIERRO, 2000; COUTRIM; ARAÚJO; SILVA, 2019; SANTOS; SILVA, 2020), para conhecer quem são eles, quais os seus valores, projetos e experiências. Além disso, conforme nos traz Spósito (2010), as Ciências Sociais e a Educação pouco têm se debruçado sobre os estudos sobre os jovens participantes da EJA, considerando seu contexto social e econômico, as relações com seus pares e com outras gerações.

Pensar sobre quem são esses jovens, como se dá sua socialização e como eles veem sua educação escolar é um exercício de deslocamento do foco da instituição educacional para o indivíduo que vivencia o espaço da escola. Vivendo a juventude nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, a maioria dos pais e professores teve experiências de vida marcadas por estruturas escolares e configurações de mercado de trabalho bastante distintas das atuais. Além disso, as diferentes gerações também sofreram, e ainda sofrem, a influência direta dos valores e da configuração familiar predominante em cada período histórico. Toda essa diversidade de valores, de formas de enxergar e de viver o mundo do trabalho e da escola influenciam na formação do jovem.

Assim, ao compreendermos que o mundo juvenil é complexo, multifacetado e com múltiplas configurações, nos propomos a investigar quem é o estudante da EJA e, mais especificamente, quem é o jovem que chega à essa modalidade de ensino antes dos 18 anos.

A pesquisa se inseriu em um projeto mais amplo, iniciado em 2012, com o objetivo de congregar estudos sobre a educação nos municípios que integram a Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto (SRE), que abrange as cidades de Ouro Preto, Mariana, Itabirito, Acaiaca e Diogo de Vasconcelos, e é denominada como Região dos Inconfidentes.

A escolha do objeto de estudo se deve à necessidade de se conhecer melhor quem é este jovem que inicia os estudos na EJA cada vez com menos idade, ou seja, com 14, 15, 16 ou 17 anos. São pessoas com trajetórias escolares distintas daqueles que cursam o chamado “ensino regular”, pois, em muitos casos, trazem histórias marcadas por rupturas, reprovações, discriminação, indisciplina e evasão da sala de aula. Por isso, com essa pesquisa empírica, nos propusemos responder à seguinte questão: quem é o jovem com menos de 18 anos que frequenta os cursos de EJA na região? Para respondê-la, traçamos, como principal objetivo, conhecer o perfil do estudante jovem da EJA nas escolas dos municípios da Região dos Inconfidentes.

### Jovens da EJA

A inserção de jovens na EJA e as especificidades desse segmento têm sido assinaladas, por Brunel (2004), Silva e Soares (2010), Ferreira (2015), entre outros, como um campo de estudo importante para o entendimento da educação de adultos nos dias atuais.

A EJA é uma modalidade da Educação Básica, reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9.394/1196, e que atendia, em sua origem, um público muito específico, formado por jovens, adultos e idosos trabalhadores que tiveram o seu direito à educação negado por diferentes motivos e que, ao retornarem às instituições de ensino, buscam recuperar um tempo que consideram perdido. Contudo, nas últimas décadas a EJA tem sido crescentemente procurada por um público heterogêneo, cujo perfil vem mudando, a cada ano, em relação à idade, ao gênero, às expectativas e aos comportamentos. Em geral, são alunos já inseridos no mercado de trabalho ou que ainda esperam nele ingressar, que não almejam apenas a certificação para manter sua situação profissional, mas que esperam chegar ao Ensino Médio ou à universidade. Sabemos ainda que muitos deles tiveram de romper barreiras erguidas pelo preconceito e pela exclusão, transpostas em função de um grande desejo de aprender.

É neste segmento, com essa comunidade escolar, que observamos, hoje, um fenômeno conhecido como “juvenilização da EJA”, conforme explica Carrano (2007, p. 1),

é notável o crescente interesse que o tema da juventude vem despertando no campo da Educação de Jovens e Adultos. A preocupação com os jovens na EJA está, em grande medida, relacionada com a evidência empírica que eles e elas já constituem fenômeno estatístico significativo nas diversas classes de EJA e, em muitas circunstâncias, representam a maioria ou quase totalidade dos alunos em sala de aula.

De acordo com o autor, temos vivenciado uma constante mudança de valores e funções em nossa sociedade, o que interfere na ordem das fases da vida. Se antes um aluno saía formado da escola ainda jovem, hoje há uma inversão, pois, em função de interrupções na trajetória escolar ou devido aos inúmeros

insucessos no processo de aprendizagem, esses jovens permanecem mais tempo na escola ou dela se distanciam por algum tempo (CARRANO, 2007).

Reconhecendo a importância de se conhecer quem são os jovens da EJA, por meio da identificação do seu perfil e de suas expectativas e vivências, para que possam ser considerados na construção de propostas e projetos que venham atendê-los de maneira mais próxima e específica, esta pesquisa foi pensada tendo como base a compreensão de que a EJA não se refere apenas a uma questão etária, mas, principalmente, ao atendimento de uma comunidade com especificidades culturais e sociais. Percebe-se, assim, a necessidade de demarcação clara de quem é o estudante da EJA quando se propõe o estudo desse público, especialmente se considerarmos que as turmas que compõem a EJA hoje são multietárias e, em algumas localidades, são formadas por uma maioria jovem.

Assim, esse estudo busca, além de considerar as questões citadas anteriormente, caminhar no sentido de conhecer e revelar quem são estes jovens que, no entendimento dos Cadernos para EJA – MEC (BRASIL, 2006, p. 5), trazem uma visão de mundo distinta dos estudantes universitários ou de outra modalidade de ensino:

os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por outro lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curiosos, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa.

Consideramos, ainda, no escopo desta pesquisa, compreender quais as abordagens e os recursos didáticos adequados para essa parcela da população jovem, conforme proposto no Plano Decenal de Educação do Estado de Minas Gerais, Lei nº. 19.481, publicado em 12 de janeiro de 2011 (MINAS GERAIS, 2011):

5.1.1 – Implementar processo de avaliação sistêmica que atenda às especificidades da educação de jovens e adultos, considerando-se as vivências dos educandos, a infraestrutura das escolas e a diversidade dos projetos pedagógicos.

5.1.2 – Implementar programa específico de colaboração entre o Estado e os Municípios, para garantir atendimento pleno à demanda por ensino fundamental de jovens e adultos, garantindo-se a oferta de todas as opções de EJA.

5.1.3 – Implementar projeto pedagógico com recursos didáticos e metodologia específicos para a educação de jovens e adultos, de forma a desenvolver as habilidades e competências dos alunos, garantindo-se a oferta continuada de cursos.

Esse excerto do Plano Decenal de Educação do Estado de Minas Gerais nos leva a pensar em quais ações específicas precisam integrar programas de ensino, propostas de formação e capacitação de docentes para atuar na EJA, levando-se em consideração as especificidades dos sujeitos para os quais essas ações se

voltam. Tais ações não podem deixar de considerar quem são eles, suas histórias de vida, trajetórias e necessidades.

O cotidiano escolar é um espaço complexo, rico em interações, diálogos, partilhas; com demarcação de identidades e estilos, visíveis na formação dos diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora da escola. Ao mesmo tempo, as escolas, e nelas, as salas de EJA, tendem a não considerar o aluno na sua dimensão juvenil, e esperam dele um comportamento típico do “modelo ideal de aluno”: um ser disciplinado, obediente, pontual, envolvido com os estudos de maneira eficiente e eficaz. Toda a diversidade sociocultural dos jovens, nas escolas, costuma ser reduzida a diferenças apreendidas no enfoque da cognição ou no comportamento (DAYRELL, 2007).

Assim, sujeita a uma variedade de público e pouco preparada para enfrentar os desafios que cada um deles lhe propõe, a escola se enfraquece como agência de socialização e responde e serve de forma fragmentada às expectativas diferenciadas de seu público (SETTON, 2002). Para dar conta das peculiaridades da prática educativa contemporânea e das demandas da condição juvenil, a escola, especialmente, precisará ser repensada. Enquanto isso não ocorre, os jovens buscam reforçar suas práticas identitárias em ambientes mais culturais e menos institucionalizados, nos quais poderão adquirir um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais que demarcarão sua identidade juvenil (DAYRELL, 2007; SETTON, 2002).

### **Educação de Jovens e Adultos: seus sujeitos e suas propostas**

Segundo o Documento de Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA (BRASIL, 2008), caracterizar sujeitos da EJA significa trabalhar com e na diversidade. Essa diversidade se constitui das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros – negros, brancos, indígenas, amarelos, mestiços; mulheres, homens; jovens, adultos, idosos; quilombolas, garimpeiros, agricultores; trabalhadores ou desempregados; de origem urbana ou rural; vivendo na sede de um município ou em um distrito; livres ou privados de liberdade por estarem em conflito com a lei; pessoas com ou sem deficiências. Uma diversidade, portanto, que constitui a sociedade brasileira e que abrange diferentes jeitos de ser, viver, pensar e que se enfrentam.

As pessoas que buscam a EJA instituem distintas formas de ser brasileiro, entre tensões e modos distintos de construir identidades sociais, étnico-raciais e cidadania. São sujeitos da diversidade que procuram formas de dialogar entre si ou, pelo menos, buscam negociar, a partir de suas diferenças, espaços e direitos garantidos pela Constituição brasileira (BRASIL, 1988).

As normativas legais instituídas para a EJA, na medida em que afirmam a igualdade de todos como sujeitos de direitos, quebra a lógica de que uns valem mais do que outros, ao enfrentar as desigualdades

como desafios a serem superados pela sociedade brasileira (BRASIL, 2008). Potencializar a diversidade na educação, em todos os segmentos e em todas as modalidades, pode contribuir para a transformação social e para a formulação de propostas educativas que coloquem no centro do processo os estudantes aprendizes, com seus desejos, suas necessidades e expectativas em relação à educação.

Desde o final da segunda metade do século XX, os sistemas nacionais de educação vêm decidindo seus rumos e sua filosofia a partir da prioridade política assumida por todos os Estados Nação que assinaram a Declaração de Jomtien<sup>1</sup>. Como direito, a EJA é inquestionável e, por isso, necessita estar disponível para todos, como preceituado no artigo 205 da Constituição Federal Brasileira, de 1988. A Carta Magna é considerada um marco referencial, posto que outorga, ao jovem e ao adulto, esta prerrogativa, ao reconhecer o Ensino Fundamental e Médio obrigatórios e gratuitos como dever do Estado (SOARES, 2002). Deve-se abandonar, portanto, qualquer lógica de oferta de atendimento como “oportunidade” e “chance” concedidas à população.

A consciência do direito à educação cresce entre a população jovem e adulta excluída do sistema escolar, e faz com que suas demandas sejam colocadas ao poder público e à sociedade em geral. Contudo, tais demandas ainda são consideradas secundárias na conformação de projetos político-pedagógicos e de políticas públicas a ela destinada.

O ingresso de jovens, principalmente das camadas de baixa renda, no mercado de trabalho e a esperança de conseguir um emprego têm provocado uma grande demanda nos programas de escolarização. Para esse contingente de estudantes, as expectativas estão diretamente relacionadas às novas exigências do mundo moderno e à busca por mobilidade social.

A presença do jovem na EJA não é mais um fenômeno temporário, trata-se de um processo que vem se consolidando diante das demandas sociais e tem gerado situações que desafiam o professor no espaço da sala de aula, tendo em vista os diferentes ritmos de aprendizagem. Ainda leva a desafios quanto ao trabalho com diferentes comportamentos em sala de aula, ao desenvolvimento de projetos, aos seus estilos de vida, às motivações pelos temas abordados e ao envolvimento em tarefas de aprendizagem, conforme destaca Ribeiro (2001, p. 5):

um elemento que vem complicar a construção de uma identidade pedagógica do ensino e de sua adequação às características específicas da população a que se destina e o processo notado em todas as regiões do país, assim como em outros países da América Latina, de juvenilização da clientela.

A necessidade de escolarizar esse segmento jovem, diante de sua invisibilidade na EJA, isto é, de sua presença não considerada em termos de adequação a interesses e tratamento, e também devido às

---

<sup>1</sup> Documento elaborado durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, em 1990. É considerado um dos principais documentos mundiais sobre educação, pois fornece algumas definições e abordagens inovadoras sobre as necessidades básicas de aprendizagem.



dificuldades em se perceber a forma como lidar com esse jovem cada vez mais presente nas salas de aula, traz, para o foco das discussões, a temática da juventude nessa modalidade de ensino, o que amplia a importância de seu estudo. Cabe considerar que, sobre os jovens na EJA, pouco se analisou até hoje, pois a juventude tem características que as diferenciam de outras fases da vida, além desses jovens atribuírem à escola sentidos que se diferenciam daqueles delegados a ela pelos adultos. Nesta perspectiva, Silva e Lima (2007, p. 250) acrescentam que:

a não-incorporação da problemática da juventude na EJA, nos conteúdos dos cursos e seminários destinados aos professores, deixa uma grande lacuna nos processos de capacitação que não se resolve pela prática em curso, de professores agindo individualmente, sem uma discussão coletiva que possibilite a sistematização das experiências individuais, de forma a levantar elementos teórico-metodológicos que contribuam para o enriquecimento das práticas pedagógicas e que apontem caminhos capazes de responder aos desafios pedagógicos trazidos pela presença dos jovens no cotidiano da EJA.

No início dos anos de 1990, Haddad (1992) já chamava a atenção para a necessidade de um redimensionamento da EJA, isto é, para que essa modalidade de ensino se adequasse à “realidade brasileira”. Haddad e Di Pierro (2000) alertaram para o processo que chamaram de “rejuvenescimento” dos alunos, ou seja, a redução da idade com a qual os jovens passavam a procurar pelos programas de EJA. Esse fato foi atribuído, pelos autores, à queda na qualidade do ensino considerado “regular” e à consequente inadequação da escola diante das necessidades dos jovens. Os autores apontavam para o fato de que a ausência desse redimensionamento resultaria em uma convergência da população analfabeta para um analfabetismo funcional. O significativo crescimento de jovens que procuram tal modalidade de ensino vem despertando o interesse de pesquisadores que se ocupam com as temáticas da educação de pessoas jovens e adultas e de suas especificidades.

Quanto às características comuns aos jovens inseridos na EJA, os estudos realizados evidenciam que o grupo possui, em geral, um histórico de “fracasso escolar” vivenciado por meio de situações de repetência e/ou exclusão do processo educativo. Eles estão sob o estigma da exclusão social mais ampla e foram usurpados dos seus direitos à educação. Em sua maioria, estão desescolarizados, com consequente defasagem idade-série, em situação de desemprego ou subempregados. Tal constatação sinaliza que a EJA está “[...] cumprindo a função de inserir no sistema escolar o jovem excluído do ensino regular e acelerar os estudos daqueles cuja progressão foi truncada por sucessivas reprovações ou abandonos” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 35).

Possuem, portanto, trajetórias de vida truncadas, embora específicas, e, por isso, tentam dar continuidade à sua escolaridade no sentido de corrigi-la ou de encaminhá-la com sucesso. Correa *et al.* (2004, p. 1), por sua vez, definem os jovens que procuram a EJA como um grupo no qual uma das principais

características é de “[...] aguda exclusão sociocultural, ao considerar o perfil de escolarização dos adolescentes e jovens brasileiros”.

Os estudos realizados sobre a EJA no Brasil apontam para os elementos que contribuíram diretamente para o conceito de juventude na sociedade brasileira ao longo das últimas décadas do século XX. Segundo Correa *et al.* (2004, p. 2), dois fatores predominaram nas pesquisas sobre a juventude: “[...] o problema da exclusão dos jovens da sociedade e os desafios de fazê-los transitar e integrar o mundo adulto”. Essa vertente de estudos recai sobre a escolarização dos jovens e os problemas decorrentes da exclusão social, como a violência e o desemprego, que os afetam de forma mais intensa.

Este processo vivenciado na EJA gera a necessidade de compreensão, por parte da escola, de que a juventude, como categoria em si, também é constituída de uma diversidade de indivíduos, com características próprias, que se relacionam no espaço escolar de maneiras distintas, “[...] uma vez que as expressões juvenis são respostas que se dirigem ao contexto social” (KEIL, 2004, p. 21). A partir desse contexto, enxergar a juventude que está inserida na EJA e colocar foco em suas especificidades contribui para que a escola minimize os impactos da intolerância à diversidade cultural, no que se refere à cultura popular, ao perceber os jovens e adultos como sujeitos, como atores sociais, possuidores de vontades, anseios e sonhos, enfim, como indivíduos que exercem sua cidadania. Ou seja, a “juvenilização” que vem ocorrendo na EJA produz a necessidade de uma escola que perceba a si mesma como um espaço de diferenças, tensões e interações.

Outra implicação advinda desse novo contexto que se percebe na EJA é que o processo de juvenilização passa a refletir diretamente a família que está envolvida de alguma forma na trajetória escolar destes jovens, já que os estudantes da EJA são constituídos predominantemente por jovens e adultos residentes nas periferias. O mapa do analfabetismo e dos sujeitos pouco escolarizados se confunde com o mapa da pobreza em nosso país. Encontram-se, nas periferias urbanas e rurais, índices e situações humanas mais degradantes, dentre as quais, precárias condições de moradia, de saneamento básico e insuficientes equipamentos públicos, agravados com o crescente nível de violência. De lá, também se acompanha o surgimento de iniciativas comunitárias que levam milhares de jovens e adultos a participarem de atividades culturais e econômicas, o que cria identidades e expressa as diversidades ali existentes.

O fato de que grande parte das famílias de camadas populares não tem condições materiais, culturais e temporais, dentre outras, para realizar as expectativas presentes no meio pedagógico a respeito de suas funções diante do processo de escolarização de seus filhos agrava, ainda mais, as tensões presentes entre as duas instituições.

A ida à escola, para muitos alunos jovens, é um projeto de vida, uma busca pelo crescimento pessoal (LEBOURG; COUTRIM; SILVA, 2021; DAYRELL, 2012). Ao mesmo tempo, a EJA também recebe alunos jovens que vão à escola por imposição de suas famílias, do patrão ou da justiça. Muitos

querem apenas receber os benefícios oferecidos pelo governo, como o Bolsa Família, merenda, vale gás etc. Vários desses alunos veem a escola como espaço ideal para a sua sociabilidade e para a realização de seus sonhos, construídos ao longo da vida e que são suas motivações de aprendizagem.

### **O traçado metodológico**

Para o desenvolvimento do presente estudo foi utilizada a abordagem quantitativa, contudo, a análise dos dados se deu sem os recursos mais aprofundados da Estatística, mantendo-se com as medidas de tendência central. Assim, a pesquisa partiu de um censo dos estudantes de EJA nos estabelecimentos públicos de ensino nos cinco municípios que constituem a Região dos Inconfidentes (Itabirito, Ouro Preto, Mariana, Acaiaca e Diogo de Vasconcelos), em Minas Gerais. Foram aplicados 1.053 questionários a estudantes que frequentavam as classes da alfabetização ao Ensino Médio, ao longo de um ano. O questionário buscou conhecer o perfil etário, de gênero e a situação socioeconômica desses estudantes. Além disso, trouxe dados relativos ao trabalho, ao número de filhos, aos motivos para a interrupção dos estudos, às expectativas quanto ao futuro profissional, entre outros.

Para o presente artigo, apresentamos os resultados referentes aos jovens com até 18 anos que frequentam as salas de EJA na região. Ao todo, 203 jovens responderam ao questionário, o que corresponde a 18,2% dos alunos da EJA na região. Não houve a preocupação, neste primeiro momento, em diferenciar as informações dos municípios participantes e foram relatados apenas os dados gerais.

Após a tabulação dos dados, feita mediante o uso do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) foram criados elementos-chave para a elaboração de categorias analíticas. Tais resultados estão disponibilizados no banco de dados do Observatório Educacional da Região dos Inconfidentes.

### **O que os dados revelam sobre os jovens que frequentam a EJA**

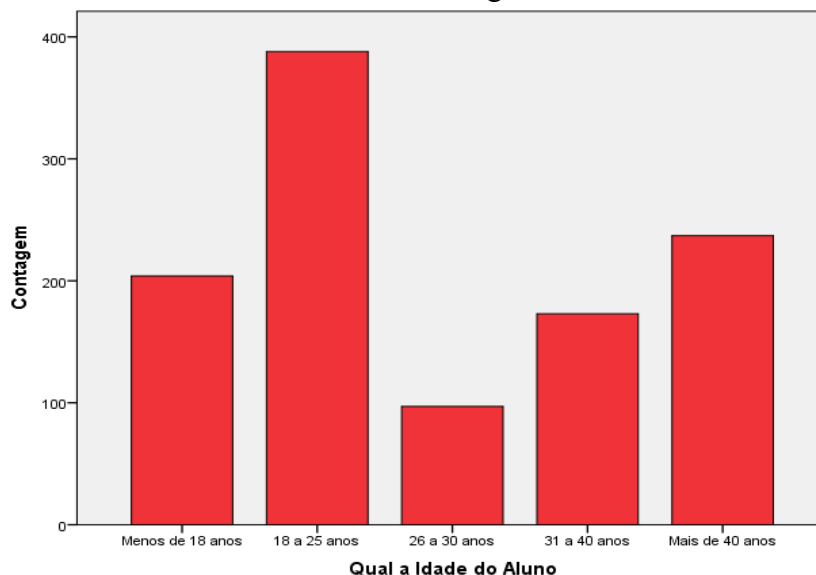
Na categoria perfil, a partir dos dados encontrados, procedeu-se à análise dos aspectos relacionados a gênero, idade, estado civil, número de filhos, matriz étnica e ocupação. Neste processo de análise também serão apresentadas algumas correlações significativas para os objetivos propostos nesta investigação.

Quanto ao gênero, a diferença entre os homens e as mulheres que frequentam a EJA não é muito expressiva. Para 588 mulheres que responderam ao questionário, temos 518 homens nas declarações, o que nos leva a concluir que a busca pela continuidade dos estudos é algo perseguido por todos, independentemente do gênero.

Entretanto, em relação à idade, observou-se uma grande diferença nos números que compõem o agrupamento de faixa etária construída para a análise dos dados da pesquisa. Os jovens, considerados entre

aqueles com menos de 25 anos, integram o maior grupo, com 592 respondentes. Desses, 203 possuem menos de 18 anos, grupo escolhido para nossas análises. Já os que possuem mais de 40 anos representam o grupo com o menor número de respostas, com 237, como se pode observar no Gráfico 1.

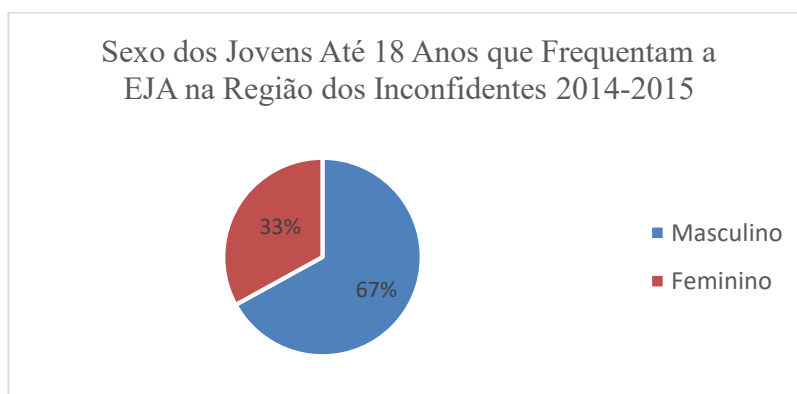
Gráfico 1: Perfil etário dos estudantes da EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)



Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

Em relação ao grupo que compõe o recorte desta investigação, pode-se observar que os rapazes são predominantes entre os jovens na EJA da região. Foram encontrados, na pesquisa, 136 rapazes e 67 moças, conforme demonstra o Gráfico 2. Tais resultados trazem importantes reflexões a respeito da predominância dos jovens do sexo masculino nas salas de EJA, uma vez que a literatura nos mostra a maior incidência de casos de reprovação, indisciplina e violência no espaço escolar entre os rapazes (SILVA NETO, 2019). Ou seja, os jovens presentes nas salas de EJA da região trazem marcas da exclusão e do fracasso ao longo de suas trajetórias escolares.

Gráfico 2: Sexo dos jovens que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)



Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

Entre os estudantes, a quase totalidade dos rapazes e das moças (96,6%) é solteira, porém foram encontrados três casados (1,5%), um separado e três morando com companheiro(a). Tal percentual de solteiros, contudo, não está relacionado diretamente com a presença de filhos, como é possível observar no Quadro 1.

Quadro 1: Número de filhos dos jovens de até 18 anos que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)

Número de filhos	Frequência	Porcentagem
0	189	93,1
1	12	5,9
2	1	0,5
4 ou mais	1	0,5
<b>Total</b>	<b>203</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

Os questionários revelaram que as jovens são as que mais têm filhos antes dos 18 anos. Além de apresentar um percentual maior de união conjugal com seus parceiros do que os rapazes, 9% das moças contra 4,4% dos rapazes têm um filho, e 1,5% das moças contra 0% dos rapazes têm dois filhos.

Quadro 2: Número de filhos X sexo dos jovens de até 18 anos que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)

			Sexo do aluno		Total
			Masculino	Feminino	
Número de filhos	0	Casos	129	60	189
		% do total	63,5%	29,6%	93,1%
	1	Casos	6	6	12
		% do total	3,0%	3,0%	5,9%
	2	Casos	0	1	1
		% do total	0,0%	0,5%	0,5%
	4 ou mais	Casos	1	0	1
		% do total	0,5%	0,0%	0,5%
Total	Casos	136	67	203	
	% do total	67,0%	33,0%	100,0%	

Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

A maioria dos jovens (82,3%) mora com os pais, e 13,8% com parentes. Quanto à matriz étnica, 20,7% deles se autodeclararam brancos, 35% se autodeclararam pretos, e 31% se autodeclararam pardos. As moças autodeclararam pertencer à raça branca e parda com maior frequência que os rapazes (22,4% delas se autodeclararam brancas). A proporção se inverte quando se trata da raça negra, 39,7% dos rapazes se autodeclararam negros e 25,4% das garotas. Quanto à condição de trabalho, 27,1% dos jovens não trabalham. Daqueles que já estão inseridos no mercado formal ou informal de trabalho, as ocupações mais encontradas foram na construção civil e como empregados domésticos.

Quadro 3: Ocupação dos jovens de até 18 anos que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)

Quadro 3: Ocupação dos jovens de até 18 anos que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)

Ocupação	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Comércio	18	8,9	8,9
Atleta (jogador de futebol, vôlei, tênis etc.)	1	,5	9,4
Técnico (informática, elétrica etc.)	2	1,0	10,3
Indústria (encarregado, supervisor, operador de máquina etc.)	3	1,5	11,8

Automobilismo (lanternagem, pintura, oficina, lava-jato, motorista, instrutor etc.)	6	3,0	14,8
Não trabalha	55	27,1	41,9
Não respondeu	45	22,2	64,0
Mão de obra civil (carpinteiro, pedreiro, pintor, encanador etc.)	37	18,2	82,3
Serviços gerais (sítio, escola, doméstica, auxiliar de escola, faxineira, babá, vigilante, embalador, agente comunitário)	34	16,7	99,0
Traficante	2	1,0	100,0
Total	203	100,0	

Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

Como consequência do trabalho pouco especializado, o rendimento destes jovens também é baixo, apenas 6,9% deles ganham mais de dois salários mínimos. É importante ressaltar que, na ocasião da pesquisa, 15 estudantes estavam desempregados.

Quadro 4: Salário dos jovens de até 18 anos que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)

Rendimento mensal	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Menos de 1 salário mínimo	74	36,5	36,5
De 1 a 2 salários mínimos	51	25,1	61,6
Mais de 2 salários mínimos	14	6,9	68,5
Não respondeu	21	10,3	78,8
Não possui renda	17	8,4	87,2
Não sabe	11	5,4	92,6
Desempregado	15	7,4	100,0
Total	203	100,0	

Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

Apesar dos baixos salários, é possível observar que os jovens têm jornadas de trabalho longas, ou seja, 23,6% deles trabalham mais de 8 horas por dia, o que pode dificultar bastante o aprendizado em sala de aula. O Quadro 5 revela também que 25% dos respondentes não estavam empregados no momento da

pesquisa, o que traz reflexões sobre a escassez de oportunidades no mercado de trabalho para esses jovens com baixa escolaridade e pouca experiência profissional em cidades do interior.

Quadro 5: Jornada de trabalho (em horas semanais) dos jovens de até 18 anos que frequentam a EJA na Região dos Inconfidentes-MG (2014-2015)

Jornada de trabalho	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
De 4 a 6 horas	7	3,4	3,4
De 6 a 8 horas	46	22,7	26,1
Mais de 8 horas	48	23,6	49,8
Menos de 4 horas	5	2,5	52,2
Não respondeu	45	22,2	74,4
Não trabalha	52	25,6	100,0
Total	203	100,0	

Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)

A pesquisa nos revela, ainda, um dado importante a respeito da trajetória escolar desses estudantes antes de ingressarem na EJA e que também tem sido discutido por autores, como Brunel (2004), Silva e Soares (2010), Ferreira (2015), já apresentados neste estudo. Um percentual muito expressivo dos jovens nunca abandonou a escola: 40,4% nunca pararam de estudar ou ficaram menos de um ano fora da escola (Quadro 6).

Quadro 6: Tempo que os jovens de até 18 anos que frequentam a EJA ficaram sem estudar antes de ingressarem na EJA (2014-2015)

Tempo que ficou sem estudar	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
1 ano	52	25,6	25,6
2 anos	27	13,3	38,9
3 anos	4	2,0	40,9
4 anos	4	2,0	42,9
Mais de 5 anos	5	2,5	45,3
Não estudou	1	,5	45,8
Nunca parou de estudar	76	37,4	83,3
Menos de 1 ano	6	3,0	86,2
Não respondeu	28	13,8	100,0
Total	203	100,0	

Fonte: Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes (2016)



Pode-se observar, no Quadro 6, que uma parcela muito expressiva dos estudantes mais jovens da região (37,4%) nunca parou de estudar ou parou por pouco tempo, pois 25,3% deles ficou apenas um ano fora da escola. Tais resultados comprovam a literatura trazida neste estudo e demonstram que esses estudantes têm uma relação próxima com a escola. Diferentemente dos mais velhos, foram transferidos para a EJA enquanto estudavam ou estiveram fora da escola por pouco tempo.

### **Considerações finais**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se tornado um espaço plural, no qual diferentes gerações se encontram. Contudo, se essa diversidade traz, por um lado, possibilidades de trocas e de apoio mútuo, traz também conflitos e distanciamentos, uma vez que tal modalidade de ensino tem abrigado jovens de 14 anos, adultos e idosos com até 80 anos ou mais.

Considerada como uma oportunidade para os trabalhadores estudarem, a EJA é formada, em sua maioria, por adultos e idosos que, por motivos de trabalho, de constituição de família ou de difícil acesso à escola, deixaram de estudar ao longo de suas vidas e, hoje, percorrem longos trajetos diários do trabalho à escola e, desta, à residência. São os passageiros da noite (ARROYO, 2017) e os jovens fazem parte deste itinerário. Sua presença nas salas de aula da EJA sempre existiu, contudo, presencia-se, nos dias de hoje, a chegada de rapazes e moças ainda adolescentes, com perfil socioeconômico muito distinto do trabalhador. A pesquisa revelou que, na Região dos Inconfidentes, tratam-se de pessoas que nunca abandonaram a escola, que ainda não constituíram família, moram com os pais (82,3%) e uma parcela significativa (27,1%) não trabalha. São, em sua maioria, negros e de baixa renda. Uma geração que não teve dificuldades de acesso à escola pública e que possui pais mais escolarizados do que seus colegas de sala, adultos e idosos.

Esses jovens trazem, para a sala de aula, outra cultura e uma visão muito particular de mundo e de trabalho. Têm uma relação com a escola que é diferente dos adultos e idosos, pois encontram, nesse espaço, uma oportunidade de socialização e de construção de suas identidades. Com isso, o sentido da escola, para o jovem com menos de 18 anos, não é o mesmo dos demais estudantes e, muitas vezes, essa diferença causa situações de tensão e de conflito entre as gerações. A literatura vem assinalando que, a cada dia, mais jovens são transferidos para a EJA, tornando o fenômeno da juvenilização mais expressivo, o que tem exigido das escolas um exercício hercúleo para contemplar estudantes tão diferentes na mesma modalidade de ensino.

Este artigo traz à tona um alerta para a necessidade de se considerar essa pluralidade de sujeitos na EJA, ao destacar o papel do poder público na compreensão de que tanto os mais velhos quanto os mais jovens sofreram um processo de exclusão da escola e, hoje, buscam na EJA um espaço para concluir sua educação básica, direito de todos e de todas. As diferenças de trajetórias, o momento do ciclo da vida e as

perspectivas quanto ao futuro precisam ser considerados pelos gestores públicos e pelas escolas que, em geral, se encontram despreparadas para as salas multigeracionais.

A falta de conhecimento e condições dos sistemas de ensino, das escolas e dos educadores para atuar em tais situações causa novos processos de exclusão e, conseqüentemente, traz de volta, ao Brasil do século XXI, problemas vivenciados em séculos anteriores, ou seja, jovens e adultos semianalfabetos e com pouquíssimas chances de conquistar bons postos de trabalho. Nega-se, novamente, para essa população, já alijada dos bancos escolares em outros momentos de suas vidas, o direito à educação pública de qualidade.

## Referências bibliográficas

- ARROYO, M. G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Documento de Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA*. Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 20 de mar. de 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea\\_docbase.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf)>. (Acesso em 27 out. 2020.)
- BRUNEL, C. T. *Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CORREA, L. M.; SOUZA, M. C. R. F.; BICALHO, M. G. P.; ALVARENGA, M.; RIBEIRO, G. M. Tempo escolar, tempo de exclusão: a cultura juvenil e o sistema educacional na percepção dos jovens da E. E. Nelson de Sena. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu, nov. 2004. *Anais [...]*. Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt18/p181.pdf>>. (Acesso em: 27 out. 2020.)
- COUTRIM, R. M. E.; ARAÚJO, R. M. B.; SILVA, F. A. R. O fenômeno da juvenilização na Educação de Adultos: diferentes países, mesmos problemas. In: COUTRIM, R. M. E.; NOGUEIRA, M. O.; TORRES, M. A. (Orgs.). *Entre diferentes mundos: jovens, sociabilidade e educação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, v. 1, p. 37-54.
- DAYRELL, J. Juventude, socialização e escola. In: DAYRELL, J. et al. *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 298-322.
- DAYRELL, J. A escola “faz” a juventude? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1.105-1128, out. 2007.
- HADDAD, S. Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos. *Em Aberto*, Brasília, INEP, v. 11, n. 56, p. 2-13, out./dez. 1992. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/828/742>>. (Acesso 27 out. 2013.)
- HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio/ago. 2000. Disponível em: <[www.anped.org.br/.../RBDE14\\_08\\_SERGIO\\_HADDAD\\_E\\_MARIA\\_CLARA\\_DI\\_PIERRO.pdf](http://www.anped.org.br/.../RBDE14_08_SERGIO_HADDAD_E_MARIA_CLARA_DI_PIERRO.pdf)>. (Acesso em: 27 out. 2013.)
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. *Col. Estudos e Pesquisas*, n. 29. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- LEBOURG, E. H.; COUTRIM, R. M. E.; SILVA, L. C. Juventude e transição para o ensino médio: desafios e projetos de futuro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP*, v. 102, p. 82-98, 2021.

- NUNES, C. M. F.; PÁDUA, K.; ARAÚJO, R. M. B. “Tô aprendendo a sonhar”: narrativas de jovens e sua relação com a escola. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 6, n. 18, p. 635-650, maio/ago. 2021.
- SANTOS, P.; SILVA, G. Os sujeitos da EJA nas pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. *Educação & Realidade*, v. 45, n. 2, e96660, 2020.
- SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002.
- SILVA, J. B.; LIMA, O. M. Juventude e política de Jovens e Adultos. In: HADDAD, Sergio. *Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA*. São Paulo: Global, 2007, p. 242-264.
- SILVA NETO, C. M. *Relações de gênero e indisciplina escolar: masculinidades em jogo*. 2019. 282f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SOARES, L. *Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SPOSITO, M. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 95-106, 2010.
- UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990.